

Carta aos cariocas, *Jornal do Commercio*, 17 fev. 1963

Vladimir Herzoy

Jornal do Commercio, 17 fev. 1963

O que vai escrito adiante lhes parecerá talvez cômico. Em princípio, concordo. Antes, porém, coloquem nestes alinhavos uma pitada de desencanto, tristeza de paulista. Não sei. Dizem que é o ar, a água, os brotos do Castelinho... eu prefiro pensar que é de tudo isso um pouco, e muito, muito mesmo, de vocês. Vocês habitantes da capital das “fofocas”, dos “macetes”, onde tudo é “genial”. Vocês me embriagaram. Gostosamente. Perdi um bocado do meu cartesianismo planaltino e já não penso duas vezes para topar uma parada.

Nem vocês. Ainda bem. Falo de cinema.

Meu amigo Maurice Capovilla, lá da Cinemateca Brasileira, disse-o muito bem outro dia no Suplemento Literário do *Estadão*: “O Rio está com a aventura, enquanto São Paulo se restringe cada vez mais ao frio exame do lápis”. Na verdade, é o que se dá. Claro, não ao pé da letra. Explico-me: enquanto aqui no Rio cerca de trinta filmes estão prontos ou em vias de realização, de São Paulo praticamente não se ouve falar. De São Paulo, exatamente do lugar onde se concentra o grosso dos recursos econômicos e financeiros do País. Daí, cai por terra a alegação dos apóstolos do cinema-indústria, segundo os quais com dinheiro se faz cinema. Se se fizesse, São Paulo seria a Hollywood tupinambá. Outra falácia: pessoal técnico e material. Pois a capital paulista – conforme ressalta Maurício – conta com mais de trezentos técnicos altamente especializados trabalhando em firmas comerciais (publicidade, atualidades) e em laboratórios com equipamento em geral mais moderno do que o de cá. E, no entanto, cadê fitas?

Veza ou outra, a persistência de Khoury solta um filme. Palmas para a sua regularidade e seu esforço. E os outros? Pegam do lápis, fazem as contas, somam os zeros que crescem com a inflação e... não arriscam.

O Rio provou que não adianta ter pencas de técnicos nem montes de dinheiro. Claro, se houver, tanto melhor. Mas o que é preciso ter primeiro é coragem, audácia ou, como vocês preferem, “bossa”. E isso vocês têm. Às vezes demais, mas têm. E, por enquanto, é o que basta. Vocês provaram. Fizeram *Cinco vezes favela*, *Porto das Caixas*, *Boca de ouro* e uma série de fitas que vão estourar por aí logo, logo. Muito paulista não acreditará nas cifras que vocês lhe apresentarem sobre custo de produção. Um mundo de normas sagradas e ideias preconcebidas fogia ao se inteirarem das condições em que vocês na maioria das vezes trabalham. É engraçado: vocês falam pouco do que vão fazer. Vocês *fazem*. A gente só começa a discutir a fundo o filme depois de pronto. Em São Paulo – e perdoem-me os meus conterrâneos, mas é a pura verdade – escrever-se-iam dúzias de artigos, ensaios, muita cerveja seria consumida antes de ser rodada a primeira cena da fita. Se viesse a ser rodada.

Agora, vejamos o assunto de um prisma um pouco diferente. Falemos do cinema carioca dentro do panorama geral do cinema brasileiro. Como vimos, o Rio produzirá este ano mais de trinta filmes. Isso significa, antes de mais nada, que é o líder incontestado da produção nacional. Desde logo, acho que precisamos considerar nossa realidade.

Depois do ocaso paulista que, apesar de seus aspectos negativos, muitas lições deixou, houve um longo período de semiestagnação. Sim, fitas houve aqui e acolá, muitas ruins e algumas bem boas. O que não houve foi uma produção quantitativa e qualitativamente significativa, que caracterizasse formal ou tematicamente uma tendência definida. E isto é indispensável para uma cinematografia em formação. Afora os fatores pessoais, entraram como causas deste estado de coisas fatores mais ligados às condições político-econômicas que a Nação atravessava, condições essas que desencorajavam ou, pelo menos, não eram de molde a estimular os chamados “talentos maduros”. Por que não estimulavam?

A resposta é fácil. Os talentos nada tinham a dizer. A situação requeria uma atitude de rebeldia e eles chafurdavam no conformismo. Uns mais ou menos, mais ou menos saudosistas, mais ou menos hábeis. Tiveram um mérito, que não é pouco: impediram o desaparecimento das telas do filme nacional. Nem tanto paradoxalmente, a baixa produção de certa maneira consolidou a permanência de uma legislação obsoleta e contrária aos nossos interesses. Criou-se um círculo vicioso: de um lado, a legislação entravava (como ainda entrava) o desenvolvimento do cinema nacional, enquanto dá privilégios absurdos à entrada do filme estrangeiro e, de outro, o cinema nacional, pela sua própria fraqueza, carecia de argumento *de fato* para acabar com tal situação. Para combater é preciso dispor de soldados, preferivelmente armados.

Veio então o cinema baiano. Um punhado de fitas, hoje já sujeitas ao crivo crítico do tempo e da repercussão nacional. Tratava-se, entretanto, de fitas que já continham uma nova concepção de realização, principalmente no plano econômico e técnico. Quase ao mesmo tempo, alguns, até então desconhecidos, começaram a mexer os pauzinhos no Rio, mais ou menos na mesma base do pessoal de Salvador. Os mais afoitos trataram de batizar a coisa, sem muita originalidade; tinta e saliva correram sobre o que, quando, como, por que “Cinema Novo”. Erguida a barraca, gente demais, tocando os mais diferentes apitos, logo procurou abrigo debaixo dela. Outros não perderam tempo. O resultado aí está.

Não importa o que a “crítica” vier a dizer destes trinta e tantos filmes que vocês estão fazendo. Lembrem-se apenas da multidão que eles atingirão. Que só eles, filmes nacionais, podem e devem plenamente atingir, pois desta multidão mais da metade é constituída de analfabetos.

E isto, amigos cariocas, é uma responsabilidade tremenda. Aliás, a única.

(Trabalhou no jornal *O Estado de S. Paulo*, co-organizador do Seminário do Filme Documentário do grupo dos Jovens do Teatro de Arena de São Paulo, aluno do curso de Arne Sucksdorff.)

HERZOG, Vladimir. “Carta aos cariocas”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1963, 1º Caderno. http://memoria.bn.br/DocReader/364568_15/20415